

Aqui no Brasil, como se criou esse mito da “democracia racial”, de que todo mundo se ama e todo mundo é legal, muitas vezes o próprio sujeito negro tem dificuldade para entender que nossa sociedade é racista. (Djamila Ribeiro)

Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (Airton Krenak)

Com as palavras da(o) pensador(a) Djamila Ribeiro e Airton Krenak, contemporâneas(os) que analisam a repercussão do preconceito e do racismo na sociedade brasileira, apresentamos aos(às) leitores(as) o presente Dossiê: ***Educação Intercultural na América Latina: História(s) e Cultura(s) Afro-Brasileiras e Indígenas na Educação Indígena e Quilombola*** constituído por um conjunto de artigos resultados de pesquisas em que os(as) autores(as) e co-autores(as) discutem amplamente a educação intercultural para as relações étnico-raciais e indígenas no Brasil. Essa discussão/reflexão compreende o contexto atual da América Latina, no que diz respeito à formação de professores no âmbito das políticas educacionais brasileiras, à pesquisa e à inovação na pós-graduação *stricto sensu* na área das ciências da educação.

Esses(as) pesquisadores(as) lançam um olhar investigativo sobre os diferentes contextos em que os povos tradicionais vivem que se constituem em uma inter-relação de alteridade complexa e permanente com a sociedade capitalista atual, tendo em vista que evidenciam a relevância do diálogo sobre seus saberes e práticas. Os resultados desse olhar possibilitam ainda uma leitura teórico-metodológica desses contextos sociais, enquanto resultados de pesquisas desenvolvidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* nacionais, que elegem questionamentos sobre como se estruturam as relações étnico-raciais na América Latina, bem como a preocupação em elaborar/conceber epistemologias outras, marcadas pela atuação desses protagonistas na região Amazônia e em diferentes regiões do país.

Como afirma nosso convidado à abrir o Dossiê, José Marín (2020) que desde a Suíça nos auxilia na leitura dos desafios enfrentados na América Latina com reflexões a partir da atual conjuntura da pandemia que vivenciamos neste ano de 2020: “O racismo organizou e hierarquizou a sociedade, fragmentando-a biologicamente (sic) e socialmente. Utilizaram-se argumentos pseudocientíficos para justificar essa nova ordem”(2020, p.5).

Desde suas contribuições para demarcarmos o tempo em que vivemos e que nos liga a todos no planeta – pelos mesmos desafios da saúde, que extrapolam as fragmentações impostas pelas relações étnico-raciais e de composições nacionais – este é o momento de nos olharmos no espelho, a fim de reconhecermos que: “[...] sobrevivemos com a única certeza de que as desigualdades e o egoísmo crescem e se multiplicam, mas nisso expõem a precariedade das nossas existências”(2020, p.7).

Neste momento, este é o sentido de lançarmos este Dossiê que tem a perspectiva de refletir as relações sociais vivenciadas por todas nós em todos os contextos para a superação dos conflitos promovidos por práticas sociais excludentes que negligenciam os direitos e as possibilidades de humanização no sentido crítico da decolonialização do pensar, do sentir e do agir coletivamente para superação do racismo em todas as suas dimensões.

Como afirma Marín (2020): “A sociedade ocidental tem sido corrompida por mutações socioeconômicas, psicológicas e culturais profundas, provocadas pela globalização. Essas mutações têm posto à prova a sociedade e sua identidade como tal”(2020, p.2). Dessas identidades marginalizadas surgem as vozes e as lutas pelo reconhecimento de suas formas próprias se ser no mundo partilhado para além do individualismo imposto pela sociedade do capital.

Somam-se a essas vozes as das pessoas que escrevem a partir de suas experiências com a pesquisa: os problemas, os desafios e as possibilidades de respondermos às demandas do contexto social no qual nos inserimos como sociedade pluriétnica e pluricultural. Nessa perspectiva, o presente Dossiê oportuniza ao(a) leitor(a) uma ampla reflexão sobre/da educação para

INTERFACES DA EDUCAÇÃO

as relações étnico-raciais e a formação de professores, organizando-se em quatro eixos que orientam os estudos apresentados pelos artigos. O primeiro é o contexto da escola como espaço de invisibilidade ou de desvelamento das relações racistas constitutivas da cultura brasileira. O segundo eixo, que consideramos fundamental, evidencia os estudos que dão visibilidade aos saberes e práticas das comunidades tradicionais marcadas pelas ancestralidades e história da cultura afro-brasileira por meio das narrativas de suas lideranças. Organizamos o terceiro eixo com as contribuições apresentadas pelo diálogo com as comunidades tradicionais e de educação especial como potencializadoras de práticas inclusivas e de novas experiências pedagógicas antirracistas, por serem relevantes contribuições para pensar os contextos e desafios dos diferentes grupos sociais que constituem a sociedade brasileira e suas demandas específicas de educação.

Para finalizar o dossiê, o quarto eixo apresenta estudos que envolvem ações investigativas voltadas às intervenções possíveis para romper com a cultura racista como contribuição fundamental para a educação das relações étnico raciais na perspectiva da Educação Intercultural. Esta se constitui como uma proposição relevante para o desafio pouco superado que se refere à implementação da Lei nº 11.645/2008 nos currículos escolares e em espaços não escolares, abordando as histórias, as culturas afro-brasileiras e indígenas. Considera, dessa maneira, a educação intercultural no Brasil, bem como trajetórias de vida e formação, com o registro dos impactos e das subjetividades de jovens estudantes de um país colonizado na modernidade e as diásporas negra e indígena.

Desse modo, o primeiro eixo inicia com o artigo de Roberta Santos de Almeida e Adelaide Alves Dias com o título *Os Saberes na Construção da Percepção do Racismo em Professoras do Ensino Fundamental*. As autoras discutem a percepção sobre o racismo das participantes da pesquisa que atuam em escolas públicas, em Patos, no Estado da Paraíba. Os resultados dessa investigação revelam que a percepção das professoras foi influenciada pelo mito da democracia racial que se constitui em um saber social presente na

cultura escolar, tendo em vista que os debates oportunizados nas formações continuadas sobre a educação para as relações étnico-raciais foram insuficientes para implementarem práticas pedagógicas antirracistas. Para além do mito racial, a pesquisa analisa como o cotidiano das relações estabelecidas nas escolas denunciam o racismo.

Análise Bakhtiniana das Narrativas sobre o Preconceito vivido por Professores, Ilha Solteira, SP é tema do artigo de Eduardo Vasconcelos da Silva, Léia Teixeira Lacerda e Maria Leda Pinto, em que apresentam os resultados de uma pesquisa qualitativa que analisa o enunciado das palavras com conotação preconceituosa, bem como a questão da cor e do cabelo como símbolos da identidade negra. As expressões associadas à cor preta, ou ao negro, estão geralmente relacionadas a um mau presságio ou a um desentendimento. No que se refere ao cabelo e ao racismo, os(as) autores(as) registram as narrativas de professoras que atuam na rede municipal no Ensino Fundamental e de um docente do Ensino Superior, como mecanismos de reflexões para a autoformação.

A análise fundamenta-se nos estudos bakhtinianos, considerando o uso de palavras, ou seja, as manifestações de ódio racial veiculadas no cotidiano do sujeito adotadas, a fim de naturalizá-las. Para compor a discussão referente à construção dessa identidade, recorrem aos estudiosos das áreas de Educação e Antropologia, entre outros, a fim de problematizar os enunciados que identificam essas culturas e ressignificam os discursos. Os resultados evidenciam que esses enunciados, consciente e inconscientemente, desqualificam o negro, pois as expressões de cunho racista potencializam as tensões vividas. Portanto, esses efeitos são nocivos e permeiam as representações e a conduta de algumas pessoas, “evidenciando” a naturalização das ideologias preconceituosas.

Para o segundo eixo, os estudos apresentam as vozes das lideranças das comunidades tradicionais iniciando com o artigo de Ana D’Arc Martins de Azevedo e Ivanilde Apoluceno de Oliveira cujo título é: *Hiperpotência, Participação e Autonomia: o poder político de transformação de comunidades e*

escolas quilombolas. A categoria *hiperpotentia* de Enrique Dussel, em uma inter-relação com as categorias de participação e autonomia, como exercício do poder político de transformação, para as comunidades e as escolas quilombolas é discutido a partir de uma pesquisa etnográfica, a fim de descrever e analisar os processos pedagógicos implementados pelos(as) professores(as) para a construção identitária étnico-racial no Quilombo de Jambuaçu, localizado na Região Amazônica, ao norte do Pará.

A análise do *corpus* se estrutura a partir da discursividade de professores(as) e moradores(as) dessas comunidades, fundamentada na Análise de Conteúdo. Nessas vozes, foi possível apreender a necessidade de uma práxis escolar dialógica com os contextos históricos e socioculturais, comprometida com a própria transformação social, que pode se constituir por meio de posturas críticas e participativas, visando a consolidação de uma escola autônoma com um discurso pedagógico, estético e, sobretudo de caráter político e democrático.

O texto de Thais Ferreira e Maria Cecília de Paula Silva, sob o título ***Mulheres quilombolas: silenciamentos e discursos corporais no samba de roda***, evidencia as vozes silenciadas, invisibilizadas de mulheres quilombolas na história, mas contrapondo a esses apagamentos os corpos produzem e mantêm seus discursos ressignificados e ressignificantes do presente por elas vivenciados. A pesquisa dialoga com dois contextos sociais distintos, o Quilombo Batuva do município de Guaraqueçaba, no estado do Paraná, e o Quilombo Buri, com as mulheres do grupo de samba de roda Raízes do Quilombo, do município de Pedrão na Bahia. Os referenciais para a análise das autoras são os estudos sobre o corpo como matriz da história e dos discursos, da interseccionalidade e da decolonialidade.

Ao dialogarem com os discursos e textos corporais expressos dessas mulheres, evidenciam como desvelam “mecanismos de resistência, (re)existência e reinvenção do ser mulher negra quilombola”. Explicitam femininos diversos e outras lógicas não coloniais ao mesmo tempo em que a pesquisa evidencia os processos de “silenciamentos, apagamentos e formas de resistência produzidos pelos discursos e expressões corporais das mulheres quilombolas que possuem relação com a historicidade e memórias do Atlântico negro e diáspora.”

Na sequência, José Valdinei Albuquerque Miranda e Neusiane de Nazaré Coelho de Melo buscam abordar no artigo *Corpo Afrorreligioso e Resistência: caminhos para uma educação antirracista* as dimensões desse corpo como um polo de difusão de saberes socioeducativos e práticas de resistência da cultura e da religião afro-brasileira na perspectiva de estruturar uma educação antirracista, por meio de uma pesquisa empírica do ritual umbandista em homenagem a Iemanjá, que ocorre anualmente em Cametá, no Pará.

A análise dos dados compreende que o corpo afrorreligioso é uma construção histórica e social da cultura negra, bem como um instrumento de resistência e afirmação de sua identidade cultural, interligado ao universo simbólico e à ancestralidade da cultura afro-brasileira. Assim, os desdobramentos desses corpos, em suas dimensões simbólica e ancestral, podem ser visibilizados nos processos socioeducativos, evidenciando as crenças e os valores das práticas culturais que são produzidos nos rituais afrorreligiosos.

Ainda com o foco nas vozes das lideranças, o ensaio de Ellen Aniszewski e Rosângela Malachias *Diálogos pedagógicos sobre liderança feminina negra: entre o terreiro e a escola* apresenta a trajetória de Ilka Valéria dos Santos, liderança feminina negra, historiadora e mãe de santo. A narrativa foi estruturada por meio do autorrelato, considerando as aproximações e os distanciamentos do papel da liderança no ambiente escolar e religioso, bem como as inter-relações com os campos da educação, da comunicação, da cultura e da advocacia.

As pesquisadoras salientam que a convivência e as experiências demandam práticas educativas em sua concepção crítica, tendo em vista os tempos de intolerância recorrente que temos presenciado em relação às religiões de matriz africana em diferentes municípios do Estado do Rio de Janeiro. Desse modo, a identificação dessa liderança, para além do ambiente religioso e principalmente no ambiente escolar se constitui no reconhecimento da experiência de vida de mulheres negras, como exercício de ruptura com as

representações racistas, que as desumanizam reduzindo-as à objetificação e/ou à invisibilidade.

História e culturas indígenas em pesquisas sobre a formação e atuação de professores de música no contexto escolar, artigo elaborado por Simone Marques Braga, Andeson Cleomar Santos, Claudia Elisiane Ferreira Santos apresenta o diálogo com as comunidades tradicionais indígenas, por meio de reflexões na formação e atuação de professores de música. Visa também identificar de que forma a diversidade cultural foi contemplada na formação e nas práticas pedagógicas dos bolsistas do PIBID - Programa de Bolsas de Iniciação à Docência, bem como catalogar e registrar cantos/toantes/linhas/toré de acadêmicos(as) indígenas, a fim de produzir material etnopedagógico.

Segundo os(as) autores(as), os professores do curso de música mostraram-se preocupados com a formação na perspectiva da diversidade cultural, alinhando esses conteúdos, tanto na formação inicial como também na atuação que compreende as atividades do PIBID. No entanto, os conhecimentos e saberes relacionados à cultura ocidental europeia, bem como às diversidades não foram abordados de forma equilibrada. Assim, a iniciativa da produção de materiais didáticos dessas culturas é uma maneira de contribuir para a dissolução desse (des)equilíbrio, ao constituir-se como mecanismo de visibilidade do conhecimento sobre as culturas indígenas.

Para o terceiro eixo são apresentados artigos que abordam as diferentes educações que se impõem aos contextos das comunidades tradicionais como *A importância da sala de apoio à aprendizagem em um colégio indígena Guarani Rhuan* de autoria de Guilherme Tardo Ribeiro e Marcos Lübeck, organizado a partir de experiências de ensino e pesquisa de um professor de Matemática que evidencia a importância da sala de apoio para a aprendizagem, bem como mostra como esta é necessária aos estudantes que frequentam essa instituição escolar. A pesquisa fundamenta-se em uma investigação qualitativa, cuja abordagem metodológica se constitui de observação participante pelo primeiro autor, pois envolveu-se como professor e pesquisador, buscando estudar a

cultura Guarani para melhor transmitir os seus conhecimentos, por meio do respeito, da solidariedade e da cooperação com os estudantes.

Dessa maneira as ações foram realizadas com um grupo de estudantes do Ensino Fundamental II, do Colégio Estadual Indígena TekoÑemoingo, localizado no interior do município de São Miguel do Iguazu, na região oeste do Estado do Paraná/Brasil. Os resultados evidenciaram as peculiaridades nos modos de ser indígena, enfatizando a necessidade de uma educação escolar diferenciada, que tem direcionado as ações docentes por caminhos que fazem sobressair as particularidades culturais Guarani e a contextualização no ensino de Matemática.

Também, seguindo os estudos das especificidades das educações das comunidades indígenas, o texto *As representações sociais de professores indígenas Tembé sobre a sua cultura na educação escolar* de Glauber Ranieri Martins da Silva e Ivany Pinto Nascimento, apresentam os resultados de investigações sobre as representações sociais dos professores da Aldeia São Pedro na Terra Indígena do Alto Rio Guamá. Neste artigo sobre a implementação dos códigos culturais na educação escolar, informam que para os professores Tembé as representações sobre sua cultura na educação escolar se constituem por meio da compreensão de que, na educação escolar não há lugar para a sua cultura, pois há uma hierarquia que silencia saberes e práticas ancestrais. No entanto, a matriz curricular da escola lhes tem possibilitado abordarem perspectivas interculturais, ressignificar e fortalecer diferentes aspectos da sua ancestralidade silenciada pelos processos colonizatórios e pelo contato interétnico com outras populações.

Em diálogo com uma comunidade quilombola, Rosemária Joazeiro Pinto de Sousa e Dinalva Maria de Jesus Santana Macêdo buscam demonstrar como as práticas podem influenciar na construção da identidade étnico-racial dos estudantes com o texto *As Práticas Educativas das Escolas de Maniaçu-Cetité/BA: Interfaces com as questões Étnico-Raciais e Quilombolas*. As autoras afirmam que nos resultados da investigação encontraram práticas educativas que reproduzem um modelo tradicional de educação, pois dialogam

INTERFACES DA EDUCAÇÃO

de maneira frágil com o contexto sociocultural dos estudantes. Assim, destacam que as principais dificuldades dos professores estão na falta de materiais e de formação específica para a compreensão das questões culturais, raciais e quilombolas, no entanto, apresentam práticas pontuais que se constituem de maneira significativa, pois podem influenciar na formação identitária desses estudantes.

No quarto eixo deste dossiê temático apresentamos artigos que buscam responder a problemática da *Educação Intercultural na América Latina: História(s) e Cultura(s) Afro-Brasileiras e Indígenas na Educação Indígena e Quilombola*. Assim, reservamos textos que fazem proposições para essa educação intercultural pretendida e pautada nos estudos das relações étnico-raciais no Brasil.

O artigo que abre esse eixo é de autoria de Sônia Bessa e Cristiano Guedes, *Universidade Brasileira e Epistemologias Descolonizadas: uma experiência de ensino com uma comunidade no Estado de Goiás, Brasil* que descreve e analisa a experiência de um Encontro de Saberes realizado com estudantes universitários de Pedagogia e a comunidade quilombola Kalunga do Vão do Moleque, localizada no Estado de Goiás, em 2018. Desse contexto produziram os registros das narrativas desse evento acadêmico, que articulou atividades de ensino, pesquisa e extensão, por meio de um proveitoso diálogo entre os conhecimentos científicos e os saberes quilombolas, com destaque para as dimensões étnico-racial, política, historiográfica, pedagógica e epistemológica.

Nessa perspectiva, constatam que os saberes quilombolas, com suas ciências e cosmologias, podem contribuir com o ensino da diversidade epistemológica e o Encontro de Saberes pode promover a descolonização do modelo de conhecimento segmentado, fragmentado e eurocêntrico ainda predominante nas universidades brasileiras.

A necessária revisão da perspectiva do colonizador é assumida pelos autores do artigo *Reescrevendo a História sob uma Perspectiva Indígena: a desconstrução da figura do "Desbravador" no Oeste de Santa Catarina*, Jorge

Alejandro Santos, Fernanda Machado Dill e Leonel Piovezana. O texto resulta de uma pesquisa realizada em Chapecó, SC, com o objetivo de retomar a história do antigo território ancestral indígena que foi eliminada com o apagamento das memórias locais para construir a imagem do “Desbravador” como o símbolo da cidade e da região. Uma história que vem se reproduzindo em todo o país, especialmente com a presença constante de novos “desbravadores” que adentram o Centro Oeste e o Norte amazônico, na história mais recente de um Brasil colonial.

A pesquisa qualitativa recorreu aos relatos da história oral e a entrevistas como possibilidade de ressignificar a história da desocupação para ocupação colonial e desconstruir a imagem do “Desbravador” com os atuais ocupantes do território ancestral ameríndio, estudantes indígenas e não indígenas que vivem na região. A fundamentação filosófica, especialmente com Enrique Dussel, possibilita a análise dos dados e os resultados que, como afirmam os autores nas considerações finais, trata-se de uma experiência que evidencia o “potencial de ações educacionais como instrumentos de ressignificação simbólica e valorização da multiplicidade de vozes para a construção de relatos históricos”.

O texto seguinte complementa a experiência da pesquisa anterior ao apresentar, por meio da formação continuada, o caminho de reconstrução da história local e o reconhecimento da ancestralidade do território Bororo do centro da América do Sul, que somente a 300 anos foi sendo desocupado para a ocupação colonial. O artigo *História e cultura do Povo Bororo em Cuiabá: a formação-ação-intercultural para o reconhecimento da identidade local* de autoria de Beleni Saléte Grando, Nilzalina Silva Chaparro e Jonathan Stroher, expressa a voz das formações-ações empreendidas pelo grupo-pesquisador Coeduc- Corpo, Educação e Cultura, na investigação-ação em uma proposição intercultural, a fim de garantir os estudos das relações étnico-raciais— mais especificamente com a história e a cultura do Povo Bororo— constituindo o campo de conhecimento que contribui para a elaboração de projetos pedagógicos voltados à formação contínua de professores(as) que atuam na rede de ensino municipal em Cuiabá, MT.

INTERFACES DA EDUCAÇÃO

Com o foco na elaboração de pressupostos teórico-metodológicos para a investigação-ação-reflexiva, o grupo-pesquisador – formado para oferecer a formação contínua de professores da rede pública de ensino de Cuiabá-MT – acaba por tecer um processo de formação-ação-intercultural no qual ocorrem as formações desses pesquisadores ao mesmo tempo em que se propõem a desenvolver as formações para outros. O texto apresenta reflexões sobre os processos de ensinar e de aprender da educação intercultural com diferentes participantes em níveis de formação inicial e contínua de professores e gestores. Apresenta reflexões também como pesquisa-ação com discentes da graduação e da pós-graduação, bem como com professores que atuam na educação básica, em uma perspectiva de enfrentamento do racismo enraizado no imaginário social e reproduzido nas relações ainda presentes nas instituições escolares.

Para fechar a apresentação dos textos que constituem o presente Dossiê, apresentamos os resultados da pesquisa de Bruna Costa Mariano Ferregueti Souza, Laura Juliana Neris Machado Barros e Maristela Bortolon de Matos com o texto *Literatura infantil indígena: práticas pedagógicas de interdisciplinaridade e interculturalidade*. As autoras descrevem como uma prática pedagógica interdisciplinar realizada com uma turma de Ensino Fundamental - Anos Iniciais, do Colégio de Aplicação/UFRR, em Boa Vista/RR, contribui para a formação cidadã, na perspectiva da interculturalidade, elegendo a literatura para a formação de leitores(as). Como estratégia de ensino, os(as) pesquisadores(as) planejaram uma sequência didática, envolvendo diferentes áreas do conhecimento, a partir do projeto “Paradan: cultivando sementes”. Como resultado deste trabalho, os(as) estudantes produziram um livro com a temática indígena, relacionando os conhecimentos apreendidos ao longo do processo de aprendizagem, que evidencia a produção autoral das crianças, em uma prática pedagógica aplicada, que valoriza a cultura indígena e o contexto social em que estão inseridos.

Nessa perspectiva, com o quarto eixo esperamos retomar a relevância de refletirmos sobre as limitações do enfrentamento de uma educação intercultural

que se estabelece principalmente por falta de formação acadêmica e política dos professores, que cotidianamente ignoram os processos de reprodução do racismo na escola, não os reconhecendo em suas práticas pedagógicas, por falta de formação ou mesmo por serem também fruto de relações autoritárias e colonizadoras do pensar e do sentir que naturalizam o racismo. Reforçam, dessa forma, processos de exclusão e humanização, impactando na vida das pessoas que na escola não conseguem se reconhecer e serem respeitadas em suas diferenças.

Como nos ensina José Marín (2020) com sua proposição para a Educação Intercultural, especialmente neste tempo de pandemia:

[...] a verdadeira pobreza não é material e sim a solidão física e espiritual. [...] Todos nós necessitamos dos demais para construir-nos. Ninguém se constrói sozinho. Necessitamos das demais pessoas para tecer as relações sociais, afetivas e emocionais que nos permitam existir. A mais simples das relações sociais é interpessoal. O “eu” que nos possibilita situar-nos na sociedade é também o “tu” com o qual os outros nos nomeiam. (2020, p.1).

Dessa forma, sua proposição da educação intercultural implica, portanto, o reconhecimento de que a diferença é constitutiva do humano e por isso, potencializadora do reconhecimento de si e do outro de forma respeitosa. A diferenciação racial imposta pela ideologia promove o isolamento social de inúmeras coletividades, para além das individualidades que já se impõem nas demais relações que sofrem as pessoas que vivem às margens dos bens sociais e econômicos atuais.

Essa situação, como nos lembra José Marín (2020), deve nos levar a “[...] assumir que essa crise tem multiplicado o sentimento da ausência de futuro. Esse sentimento foi corroendo o imaginário coletivo e alimentando a angústia e a incerteza crescentes, impostas pela atual pandemia” (p. 2).

O presente dossiê é assim, uma voz que se coloca para ser ouvida e dar visibilidade as vozes e histórias de pessoas que são invisibilizadas pelos processos coloniais e de exclusão social impostos pelo racismo agravados nestes tempos de incertezas. No diálogo com diferentes realidades organizadas por nós em quatro eixos, buscamos refletir com contribuições valiosíssimas de

INTERFACES DA EDUCAÇÃO

colegas que atenderam ao chamado da Revista Interfaces da Educação da UEMS, formas de esperar, pois a voz do outro é a minha voz.

Com essas pessoas, autoras dos artigos, mas também das que são por eles visibilizados, esperamos oportunizar uma boa leitura e desejamos que os artigos possam contribuir com as reflexões políticas e educacionais, bem como para fomentar novas pesquisas e a constituição de novos objetos investigativos.

Profa. Dra. Beleni Saléte Grando

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado e Doutorado em Educação, UFMT

Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Educação, UEMS

Cuiabá, MT- Campo Grande, MS, Brasil – Primavera de 2020.

Referências:

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras. São Paulo. SP. 2019.

MARIN, José. *Reflexões de um antropólogo andino-amazônico da América do Sul, sobre o Coronavirus*. Apontamentos para a Conferência de abertura do SemiEdu 2020 – Educação Intercultural e Direitos Humanos em tempo de pandemia, evento realizado pelo COEDUC-GPPIN/PPGE/UFMT - Cuiabá, MT, Brasil, em 25 de Outubro de 2020. Publicado neste Dossiê.

RIBEIRO, Djamila. *Frases*. Disponível em:

<https://www.pensador.com/frase/MjY5ODkwOA/> Acesso em: 08 nov. 2020.